

RESULTADO DE DATAÇÃO RADIOCARBÔNICA EM MATERIAL BIOARQUEOLÓGICO
TUPIGUARANI E OCONTEXTO FÚNEBRE – SÍTIO TAMBOR,
MUNICÍPIO DE CUITÉ–PB

Antônio Sílvio Teixeira dos Santos¹

Manoel Odorico de Moraes²

Juvandi de Souza Santos³

Allysson Allande Farias⁴

Emanuel Cordeir Rodrigues⁵

Beatriz Freire Guimarães⁶

1 Programa de Pós-graduação em Medicina Translacional – UFC (mestrando bolsista FUNCAP) E-MAIL: antsiltei@hotmail.com

2 Departamento de Farmacologia Clínica – UFC (orientador) - E-MAIL: Odorico@ufc.br

3 Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Paraíba – LABAP – UEPB (coorientador) - E-MAIL: juvandi@terra.com.br

4 Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - E-MAIL: allyssonallan@gmail.com

5 Universidade Estadual da Paraíba - UEPB (bolsista do PIBIC/CNPq/UEPB) - E-MAIL: Emanuel.cordeiro@aluno.uepb.edu.br

6 Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - E-MAIL: profbeatrizguimaraes@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é uma contribuição para os estudos bioarqueológicos da etnia Tupi no Nordeste do Brasil, mais precisamente no estado da Paraíba. O artigo apresenta uma análise descritiva do material osteológico de um indivíduo encontrado em um contexto arqueológico que o remete aos Tupiguarani evidenciado pelo enxoval fúnebre em conjunto com uma datação radiocarbônica.

PALAVRAS-CHAVE: Tupiguarani, Enxoval Fúnebre, Datação.

ABSTRACT

The present work is a contribution to the bioarchaeological studies of the Tupi ethnic group in Northeastern Brazil, more precisely in the state of Paraíba. The article presents a descriptive analysis of the osteological material of an individual found in an archaeological context that refers to the Tupiguarani, as evidenced by the funeral trousseau together with radiocarbon dating.

KEYWORDS: Tupiguarani, Funeral trousseau, Dating.

INTRODUÇÃO

Os indígenas da etnia Tupi estão presentes na América do Sul a aproximadamente 5.000 anos BP, sendo os mais antigos identificados como proto-tupi. A língua e os vestígios arqueológicos são os principais marcadores culturais identitários que possibilitam esta afirmação (NOELLI, 1996), esta mesma etnia, no caso os Tupi-guarani, tem, comprovadamente, sua presença no Brasil a mais de 2.000 anos BP (NOELLI, 1996).

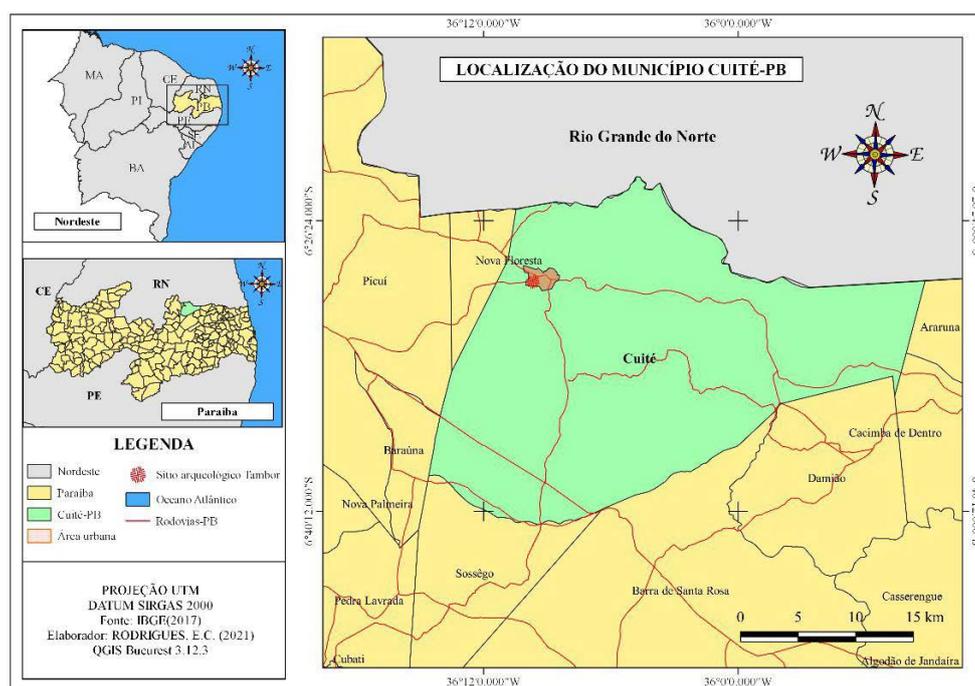
O estado da Paraíba, região Nordeste do Brasil, é muito citado na literatura histórica e arqueológica, sendo que a presença tupi na área é evidenciada desde o século XVI (PRADO, 1964), tendo mais modernamente o arqueólogo Juvandi de Souza Santos como principal pesquisador da história dos indígenas da Paraíba, cujo trabalho é voltado especialmente para o resgate da cultura material indígena em dezenas de sítios arqueológicos espalhados pelo território paraibano.

Segundo a literatura, existiram na Paraíba dois grupos indígenas distintos no período da colonização: os Tapuias e os Tupi. Esses grupos se distinguiram culturalmente de forma material e linguística, tendo os Tupi domínio sobre a agricultura, eram uma sociedade ceramista, enquanto os Tapuia tinham uma língua considerada travada, já tinham conhecimento sobre o cultivo de plantas e antes do contato com

européus eram grupos ceramistas. Historicamente seus territórios eram distintos, sendo que os Tupi habitavam o litoral e os Tapuia dominavam a região sertaneja.

Os dois grupos também se distinguiram culturalmente na forma como tratavam os seus mortos, demonstrando que, segundo os relatos, comer os mortos em rituais antropofágicos foi um fator decisivo para atualmente não serem encontrados restos mortais desses Tapuia, a não ser raros achados de esqueletos enterrados em pequenos abrigos sob rocha. Os Tupiguarani preparavam vasilhas em cerâmica belamente ornamentadas com pinturas policrômicas e temas geométricos complexos para guardar os restos esqueléticos de seus entes, e junto depositavam o enxoval fúnebre, em enterramentos secundários indiretos junto às suas aldeias, o que garantiu a preservação de importantes vestígios bioarqueológicos, do qual nos foi possível realizar datação radiocarbônica a partir de um desses achados fortuitos no estado da Paraíba.

FIGURA 1: MAPA APRESENTANDO O SÍTIO ARQUEOLÓGICO TAMBOR, EM CUITÉ NA PARAÍBA.



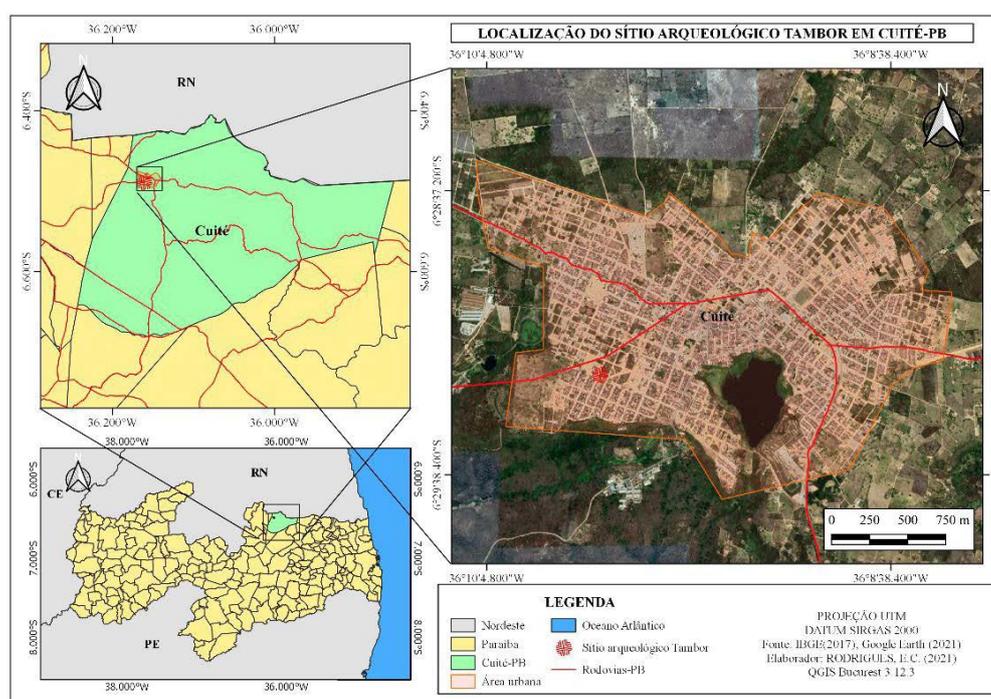
CRÉDITO DA IMAGEM: MANUEL CORDEIRO.

LOCALIZAÇÃO DO ACHADO E CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O esqueleto é proveniente do município paraibano de Cuité, e foi encontrado durante a escavação da terra para a construção do alicerce de uma casa no bairro Tambor, nas seguintes coordenadas -6,4888667, -36,1597241.

A pesquisa vem sendo realizada através de convênio entre a Universidade Federal do Ceará (UFC) junto ao Programa de Pós-graduação em Medicina Translacional, Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) junto ao Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (LABAP), sendo que a UFC entrou como recurso financeiro e a UEPB com acesso do material bioarqueológico.

FIGURA 2: LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO TAMBOR.



CRÉDITO DAIMAGEM: MANUEL CORDEIRO.

DESCRIÇÃO DO MATERIAL BIOARQUEOLÓGICO

O material bioarqueológico avaliado é composto por ossos bastante fragmentados que foram recompostos através de colagem. Há presença de ossos longos fragmentados, ausência de ossos das mãos, dos pés e das costelas, quase nenhuma vértebra, o crânio e a mandíbula

fragmentados. O contexto indica que se trata de um enterramento secundário indireto.

Os sepultamentos secundários são relacionados pela presença de ossos “secos, limpos e/ou cremados” onde não há (ou há pouca) organização anatômica (...). portanto o corpo do indivíduo é tratado antes de ser enterrado ente, implicando um envolvimento por um período prolongado por parte da sociedade. (RIZZARDO,2017: 42).

Análise em suturas fusionadas na porção occipital do crânio do indivíduo indicam uma idade entre 30-35 anos.

Processo mastoide, mentos e a parte frontal do crânio indicam se tratar de um indivíduo do sexo masculino, sendo que a presença de tembetá confirma as inferências osteológicas, tendo sido este adorno de uso masculino.

SELEÇÃO E TRANSPORTE DA AMOSTRA PARA DATAÇÃO

A amostra selecionada para a datação, foi um fragmento do crânio, o osso temporal esquerdo com o ouvido interno. É um osso petroso que conserva bem o material orgânico necessário à análise radiocarbônica.

Outro fator que favoreceu a escolha deste fragmento ósseo foi que o osso temporal se encontrava desprendido do crânio, o que evitou processo invasivo de extração.

Figura 3: A amostra. Fragmento do osso temporal esquerdo, com ouvido interno.



IMAGEM: SÍLVIO TEIXEIRA, 2021.

O transporte da amostra foi feito a partir da liberação do Iphan através do ofício nº 3045/2021/GABPRESI/PRESI-IPHAN. Saindo da Paraíba para o laboratório FARMAGEN-NPDM-UFC, seguindo posteriormente para Miame-Florida-EUA, aos cuidados do laboratório Beta Analytic.

RESULTADO DA DATAÇÃO RADIOCARBÔNICA

A presente datação tem como intuito confirmar a relação temporal para o indivíduo analisado, sendo que o resultado alcançado foi de 540 anos BP, com margem de erro de 30 anos.

Desde o seu aparecimento, no final da década de 1940 (LIBBYetal.,1949), a datação por radiocarbono se firmou como o principal método para o estabelecimento de cronologias arqueológicas. Ao longo das décadas, foram identificados diversos fatores de distorção envolvendo a técnica de datação e suas premissas originais, mas também se desenvolveram fatores em que esse método permaneça sendo reconhecido como um dos mais úteis e confiáveis existente.(SCHELL-YBERT, 2019:121).

A amostra enviada para a datação foi retirada de uma parte petrosa do osso do ouvido interno esquerdo, foi serrado um fragmento de 4g, volume suficiente para o procedimento de datação. O procedimento de extração ocorreu nas dependências do laboratório FARMAGEN sob a supervisão da Prof. Dra. Caroline Aquino Moreira.

FIGURA 4: RESULTADO DA DATAÇÃO RADIOCARBÔNICA.

FORMULÁRIO DE ENVIO	FOTOS	Nº BETA	Nº CLIENTE	SERVIÇOS	MATERIAL / PRÉ-TRATAMENTO	IDADE CONVENCIONAL	CALIBRAÇÃO CALENDÁRICA (95,4% DE PROBABILIDADE)	ISÓTOPOS ESTAVÉIS E CN COM IRMS	BAIXAR RELATÓRIOS (CSV, PDF, RELATÓRIO TRADUZIDO)	RECEBIDO	RELATÓRIO FINALIZADO
<input type="checkbox"/>		601168	FRAG. DADOS 08/06/21	Entrega padrão AMS	(colágeno ósseo): extração de colágeno: com álcali	570 +/- 30 BP	(90%) 1391 - 1445 cal AD (559 - 505 cal BP) (5,4%) 1326 - 1341 cal AD (624 - 609 cal BP)	• ̢13C (%) -11,8 o / oo • ̢15N (%) 12,49 • CN 3,4 • % C em peso 38,10 • Wt% N 12,96		23/08/2021	13/09/2021

FONTE: BETA ANALYTIC, 2021.

O ENXOVAL FÚNEBRE

O indivíduo estudado foi encontrado depositado em urna cerâmica, e junto com os ossos estava um enxoval fúnebre composto por um tembetá de amazonita polida, um colar composto por vinte e um elementos de concha marinha da espécie *Turbinella laevigata* polida e dois ossos (falanges de um pequeno mamífero?), três argolas feitas de concha marinha polida, também da espécie *Turbinella laevigata*.

Tembetá

Os adornos corporais são considerados elementos materiais que marcaram a existência do simbolismo e da cognição dos primeiros indivíduos do gênero Homo e são concomitantes a outras manifestações simbólicas, que, por vezes, não deixaram marcas visíveis no registro arqueológico. (FERREIRAeCISNEIROS, 2021:66).

A amazonita é um mineral que foi bastante apreciado pelos indígenas da etniaTupi como um símbolo de status, um fragmento deste mineral foi polido e transformadoem um adorno labial para uso do indivíduo em vida, porém, após sua morte, o adorno permanece-lhe acompanhando. Esta é uma das características associada a rituais fúnebres Tupiguarani:

Os Tembetás geralmente estão relacionados a sítios arqueológicos associados às populações Tupi, tendo essencialmente peças em forma de “T”, onde a haste preênsil (parte horizontal do “T”), que em uso fica no lado interno do lábio e funcionalmente segura a peça em sua posição; e haste de adorno (parte vertical do “T”) referindo-se a parcela que se destina a ficar aparente no rosto.(OLIVEIRA,2018:34).

Sabe-se que os tembetás eram utilizados exclusivamente pelos homens como um símbolo de status e de grande valor para eles.

Pelos relatos fica aparente que tais artefatos eram símbolos de poder e/ou prestígio de seus portadores, distinguindo-os dos demais, sendo normalmente reservados a grandes guerreiros e chefes, pelo menos os de pedras. Pois, quando jovem, após a abertura do furo no lábio inferior haveria uma graduação não apenas no tamanho crescente dos tembetás inseridos, mastambém uma escala dos materiais utilizados, variando entre madeira, osso, conchas, para apenas numa idade mais avançada ser comum o uso destes em pedras verdes, azul ou brancas.(CORRÊA,2011:231)

Mesmo no passado distante, caçadores-coletores utilizavam o mineral amazonita para confeccionar adornos corporais, artefatos foram encontrados nas escavações arqueológicas da Pedra do Alexandre, na região do Seridó no estado do RN.

Entre os acompanhamentos funerários, observam-se apitos e adornos corporais, como pingentes, contas de colar confeccionadas em ossos, conchas e minerais (amazonita). A cronologia varia entre 9400 e 2000 anos BP, completando uma ocupação que se estende por um período de 7.000 anos (MARTIN, 2008).

Um dos cronistas do período do conato, o alemão Hans Staden, nos deixou um relato sobre a forma como se dava o ritual de inserção de um futuro tembetá, incluindo procedimento invasivo e uso de unguento para evitar infecção:

No lábio inferior têm um grande orifício, e isso desde a infância. Fazem, nos meninos, com um pedaço aguçado de chifre de veado, um pequeno furo através dos lábios. Aí metem uma pedrinha ou pedacinho de madeira e untam-no com seus unguentos. O pequeno buraco permanece então aberto. Quando os meninos crescem e se tornam capazes de trazer armas, fazem-lhes maior êsse buraco. Enfia-se então no mesmo uma grande pedra verde. A extremidade superior, delgada, coloca-se para dentro, na boca, e a espessa pendura-se externamente. (SOUSA, 2012:116).

FIGURAS: TEMBETÁ E MAMAZONITA ENCONTRADO COM MATERIAL BIOARQUEOLÓGICO NO SÍTIO TAMBOR.



IMAGEM: SÍLVIO TEIXEIRA, 2021.

Os Tupiguarani tinham muita estima por seus tembetás, a prova maior é que, após a morte, o adorno deveria ir com o morto para sua jornada fúnebre.

Colar Malacológico

Constituído por vinte e um elementos de concha polida da espécie *Turbinella laevigata* e dois ossos não identificados (falange de pequeno mamífero?) é uma peça de rara beleza que demonstra a ligação dos Tupiguarani com o litoral através de um adorno corporal.

Os acompanhamentos funerários, dentre eles os adornos corporais depositados com os mortos, podem ser indicativos de diferenças entre sexo, idade, prestígio social e status adquirido durante a vida (BALDUS, 1937; NOVAES, 2006; RIBEIRO, 1987; VIDAL, 2000), atribuídos de forma hereditária ou ainda devido ao contexto de morte em sociedades igualitárias. (FERREIRA e CISNEIROS, 2021:68).

A presença deste colar malacológico associado ao tembetá de amazonita indica a possibilidade de o indivíduo ter sido em vida uma figura importante dentro de seu grupo, possivelmente um líder, um guerreiro de destaque.

FIGURA 6: COLAR MALACOLÓGICO ENCONTRADO NO SÍTIO TAMBOR.



IMAGEM: SÍLVIO TEIXEIRA, 2021.

Braceletes Malacológicos

A cultura Tupiguarani tem como um de seus marcadores cultural o uso de adornos elaborados a partir de conchas, especialmente conchas marinhas.

As conchas são coberturas duras, rígidas e externas que atuam como exoesqueletos em alguns moluscos, servindo como elemento defensivo. As conchas estão entre as matérias-primas mais antigas utilizadas como adornos e como acompanhamento funerário.(FERREIRAeCISNEIROS, 2021:82).

O cronista do período do contato, Cardim, nos deixou um relato relacionado a importância que osTupinambá davam às grandes conchas marinhas:

Os maiores que ha se chamão Guatapiggoaçú. sc. buzio grande; são muito estimados dos naturais, porque delles fazem suas trombetas, jaezes, contas, metaras, e arrecadadas, e luas, para os meninos, e são entre elles de tanta estima que por hum dão huma pessoa das que tem cativas. (SOUSA, 2012:117).

Buscando uma utilidade para as argolas elaboradas a partir de conchas marinhas polidas da espécie *Turbinella laevigata* nada encontramos na literatura que pudesse remeter a outro uso senão como braceletes. Porém, uma argola de menor tamanho que as outras duas, parece não servir para tal fim. Esses adornos deveriam ser colocados em idade juvenil, para que pudesse passar pelos ossos da mão, e seguia com o indivíduo ao longo da vida, indo com ele para seu lugar de inumação primária e posteriormente o lugar de enterramento secundário.

FIGURA7: BRACELETES MALACOLÓGICOS ENCONTRADOS NO SÍTIO TAMBOR.



IMAGEM: SÍLVIO TEIXEIRA, 2021.

Urna Cerâmica

Este é o marcador cultural identitário mais relevante para a identificação da tradição Tupiguarani, por se tratar de sociedades ceramistas que utilizavam igaçabas para enterrar os mortos, ornamentadas com motivos geométricos complexos.

Não nos compete aqui fazer uma análise específica sobre o tipo de cerâmica, porém, podemos descrever a urna funerária como sendo de formato elíptico, corrugada, com bordas, seu interior recebeu engobo branco e uma pintura característica da tradição Tupiguarani com temas geométricos em preto e vermelho. Essas vasilhas antes de serem utilizadas como urnas eram preparadas para outras finalidades na tribo, como nos mostra Noelli (1996: 16):

O conceito “Tradição Tupiguarani” foi baseado na proposição de Willey &Phillips (1958 :22), e foi definido como: uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica vermelho e ou preto sobre engôbo branco e ou vermelho, corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polidas e uso de tembetás. (Noelli,1996:16).

FIGURA 8: TAMPA DA URNA FUNERÁRIA ONDE FOI DEPOSITADO OS RESTOS MORTAIS DO INDIVÍDUO.



IMAGEM: SÍLVIO TEIXEIRA, 2021.

CONCLUSÕES

Datações realizadas para populações relacionadas à etnia Tupi nos estados do Piauí 1.800 anos BP (NOELLI,1996) e do Ceará 1.220 anos BP (OLIVEIRA,2020),

mostram que, os Tupiguarani já povoavam esses territórios. Com a presente datação, podemos inferir que a ocupação Tupiguarani no território da Paraíba data de pelo menos 570 anos BP, sugerindo que os Tupiguarani chegaram bem mais recentemente naquele território em relação aos territórios vizinhos e suas datações.

A datação provou que os Tupiguarani não se limitavam apenas ao litoral e que eles não migraram para o sertão devido a presença do colonizador, a migração ou expansão da população Tupiguarani, a qual o indivíduo analisado pertencia, aconteceu antes da chegada dos europeus no território da atual Paraíba. A realização de futuras datações poderá evidenciar temporalidade mais antiga do que a confirmada nesta pesquisa para essa população Tupiguarani.

Também é possível inferir que as populações Tapuia não dominavam por completo o território da região sertaneja, eles dividiam o território com populações Tupiguarani que, dominando tecnologias como a pedra polida, cerâmica (estocagem de alimentos) e a agricultura, podem ter os empurrado cada vez mais para áreas que ofereciam menos recursos naturais essenciais à sua subsistência baseada na economia da caça e da coleta.

O enxoval fúnebre que traz a presença de conchas marinhas polidas indica que os Tupiguarani faziam escambo com outras aldeias distantes cerca de 230 km do sertão para o litoral, onde podiam adquirir matéria-prima pertinente à sua economia.

Os artefatos arqueológicos do achado permitem associação com a cultura Tupiguarani através dos seguintes elementos: urna cerâmica com engobo, pintada em policromia preta e vermelho; pinturas em padrões geométricos; utilizada para enterramento secundário; tembetá de amazonita; ornamentos feitos a partir de conchas marinhas, colar e braceletes.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

CÉSAR, José Vicente. **ENTERROS EM URNAS DOS TUPI-GUARANI**. Instituto Anthrops do Brasil, São Paulo.

CORRÊA, Ângelo Alves. **VADEIAS OPERATÓRIAS TUPI**. HABITUS, Goiânia, v.9,n.2,p.221-238, jul./dez.2011.



FERREIRA, Camila. CISNEIROS, Daniela. **ADORNOS CORPORAIS EM MATERIAIS ORGÂNICOS NOS ENTERRAMENTOS PRÉ-HISTÓRICOS DO NORDESTE NO BRASIL.** Revista de Arqueologia, v.34, n.3, setembro-dezembro de 2021.

MARTINS, Gabriela; MEDEIROS, Elisabeth; PESSIS, Anne-Marie. **SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO NO SÍTIO BAIXIO DOS LOPES, BREJO SANTO-CE UM SÍTIO COM CERÂMICA TUPI-GUARANI DA SUB-TRADIÇÃO POLICRÔMICA.** Clio

Arqueologia, v.31,p.10-25.2016.

NOELLI, Francisco Silva. **As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dosTupi.**REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SãoPaulo, USP. V.39, n2. 1996.

OLIVEIRA, Daline Lima de. **Os lugares de memória e a carta arqueológica de BrejoSanto.** Universidade Federal do Vale do São Francisco, campus Serra da Capivara, São Raimundo Nonato – PI. 2018 (monografia).

PRADO, J. F. de Almeida. **A CONQUISTA DA PARAÍBA (Séculos XVI a XVIII).**

Companhia Editora Nacional, SãoPaulo–SP. 1964.

SCHEEEL-YBERT, Rita. **CALIBRAÇÃO DE DATAS RADIOCARBÔNICAS EM SÍTIOS COSTEIROS.**REVISTA DE ARQUEOLOGIA, v.32, n.2. EdiçãoEspecial

Museu Nacional (volume1). 2019.

SOUSA, Gustavo Neves de. **AS RICAS INFORMAÇÕES DOS CRONISTA SOBRE OS ARTEFATOS POLIDOS.** REVISTA DE ARQUEOLOGIA, v. 24, n. 2, p.102-123.2012.